

## **AS CARTAS DE SANTA PAULA FRASSINETTI: ORIGEM E EVOLUÇÃO DA ORDEM DOROTEANA E A CRIAÇÃO DO COLÉGIO DE SÃO JOSÉ EM RECIFE**

*Sergio Villarim Alves da Silva<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O artigo analisa a relevância da correspondência de Santa Paula para a fundação e expansão da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, surgida na Itália no século XIX. Em um contexto sem telefone ou meios rápidos de comunicação, as cartas foram o principal recurso para orientar as irmãs, transmitir valores espirituais e manter a coesão da comunidade. Segundo McLuhan (1964), "o meio é a mensagem", e, nesse sentido, as cartas de Santa Paula não eram apenas registros administrativos, mas instrumentos de diálogo e de pedagogia, fundamentais para a consolidação da ordem. De acordo com Certeau (1994), a escrita pode ser vista como uma "tecnologia do espírito", e, nesse caso, foi essencial para sustentar a missão educativa doroteana. Esse processo de comunicação à distância favoreceu o crescimento da obra e, além de fortalecer a unidade entre as comunidades doroteanas, as cartas tiveram papel decisivo na sua expansão para fora da Itália. Foi nesse contexto que se deu a criação do Colégio de São José, em Recife, marco pioneiro da presença doroteana no Brasil. A chegada das irmãs e a fundação da instituição revelam como a palavra escrita, impregnada de espiritualidade e visão pedagógica, ultrapassou fronteiras geográficas, inspirando práticas educativas que dialogavam com as necessidades locais. Assim, a análise evidencia que as cartas constituíram um elo vital para a construção da identidade da congregação e para a difusão de um modelo educativo que, como destacou Arendt (1972), participa da tarefa de renovar o mundo por meio da educação.

**Palavras-chave:** Educação religiosa. Congregação doroteana. Santa Paula Frassinetti.

### **1 INTRODUÇÃO**

A correspondência de Santa Paula Frassinetti constitui um marco decisivo na história da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia. No contexto do século XIX, em que a comunicação se fazia sem os recursos

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2024.1; Mestrado Profissional em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) 2023.1. E-mail: sergio.00000030400@unicap.br.

modernos de transmissão instantânea, a carta se tornou um veículo privilegiado para a transmissão de valores espirituais, pedagógicos e organizacionais. McLuhan (1964) lembra que “o meio é a mensagem”, de modo que, nas cartas de Paula, não se tratava apenas de instruções administrativas, mas de uma pedagogia espiritual e educativa que consolidava a identidade doroteana.

A fundação do Colégio de São José, em 1966, no Recife, está inserida nesse processo comunicativo, revelando como a palavra escrita, impregnada de espiritualidade, atravessou fronteiras e moldou práticas pedagógicas que dialogavam com as necessidades locais. Segundo Arendt (1972), a educação deve ser compreendida como o esforço humano de renovar o mundo. Essa perspectiva ajuda a compreender a relevância das cartas de Paula, que não apenas mantinham a unidade da congregação, mas também inspiravam novas práticas educativas em diferentes contextos sociais e culturais.

O presente artigo busca analisar a relevância da correspondência de Santa Paula sob três dimensões: (I) as cartas como meio de coesão espiritual e organizacional; (II) sua função pedagógica e educativa; (III) sua influência na fundação do Colégio de São José, em Recife, e na expansão missionária da Congregação.

É importante destacar que, no Brasil, a educação feminina enfrentava inúmeros desafios, sobretudo durante o período colonial e os primeiros anos do Império, quando o acesso à escolarização era quase exclusivo dos homens (Almeida, 2018). Nesse cenário, a presença de ordens religiosas femininas representou um marco de transformação, ao oferecer às mulheres oportunidades, ainda que restritas, de formação intelectual, moral e espiritual. A fundação do Colégio de São José, deve ser compreendida dentro desse movimento mais amplo, no qual a pedagogia epistolar de Paula desempenhou papel decisivo para inserir a mulher em espaços de saber e sociabilidade.

## 2 AS CARTAS COMO MEIO DE COESÃO ORGANIZACIONAL

As cartas de Santa Paula foram fundamentais para garantir a unidade e a continuidade da Congregação. Em um tempo em que a distância poderia significar o enfraquecimento dos laços institucionais, sua correspondência transmitia não apenas ordens práticas, mas também encorajamento espiritual. Frassinetti (1993) demonstra uma constante preocupação em unir as irmãs em torno da caridade e da missão educativa.

De acordo com Certeau (1994), a escrita pode ser entendida como uma “tecnologia do espírito”, na medida em que opera como um recurso capaz de organizar a vida coletiva, estruturar práticas e manter viva uma memória comunitária. Essa definição se aplica diretamente ao papel das cartas, que serviam como fios invisíveis, sustentando o tecido da comunidade doroteana.

Nesse sentido, é possível observar que a comunicação epistolar atuava como uma extensão da presença física da fundadora. Como destaca Azzi (2002, p. 54):

As cartas de Santa Paula não se reduzem a um instrumento de comunicação, mas constituem um verdadeiro prolongamento de sua missão educativa e espiritual, de modo que, mesmo ausente fisicamente, sua palavra continuava a animar, orientar e conduzir a vida da Congregação.

Esse elemento da espiritualidade epistolar não era exclusivo da tradição doroteana, mas se insere em uma prática mais ampla da Igreja no século XIX. Cartas pastorais, encíclicas e correspondências pessoais de religiosos eram meios de manter viva a unidade de comunidades dispersas. Contudo, no caso de Paula, esse recurso adquire singularidade, pois está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento pedagógico e missionário da Congregação.

Além disso, pode-se considerar que a carta era também um mecanismo de poder simbólico, que permitia à fundadora preservar sua autoridade moral e carismática mesmo à distância. Segundo Weber (1999), a autoridade carismática depende da capacidade de manter viva a

ligação emocional entre líder e comunidade. Nesse sentido, as cartas de Paula funcionavam como “extensões de sua presença carismática”, capazes de fortalecer a identidade institucional e a legitimidade da missão.

Portanto, a coesão organizacional e espiritual da Congregação de Santa Doroteia no século XIX esteve diretamente vinculada à força comunicativa das cartas de Paula, que ultrapassavam o simples registro administrativo e se tornavam um verdadeiro alicerce espiritual.

### **3 DIMENSÃO PEDAGÓGICA DAS CARTAS: ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO**

As cartas de Santa Paula Frassinetti não se limitavam a aspectos administrativos; eram impregnadas de uma pedagogia do coração. Essa dimensão pedagógica dialoga com a ideia freiriana de educação como prática de liberdade, em que a comunicação desempenha papel central no processo de formação integral (Freire, 2014).

De fato, ao refletirmos sobre a função das cartas, é possível perceber que Paula já intuía o valor de uma pedagogia dialógica. Suas palavras traziam não apenas orientações práticas, mas também estímulo à esperança, à fé e ao compromisso com os mais pobres. Como observa Freire (2011, p. 89):

Não há educação neutra. A educação ou funciona como instrumento que é utilizado para facilitar a integração da geração mais jovem na lógica do sistema atual e trazer conformidade com ele, ou então se torna a prática da liberdade, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de maneira crítica e criativa com a realidade e descobrem como participar na transformação de seu mundo.

Essa concepção encontra eco nas cartas de Paula, que buscavam formar não apenas religiosas obedientes, mas mulheres educadoras, capazes de promover a transformação social através do ensino cristão.

Outro aspecto relevante é que a pedagogia epistolar de Paula se caracteriza pela articulação entre espiritualidade e ação prática. Para Azzi (2002), a formação proposta pela Congregação se fundamentava na ideia

de educar pela via do coração, ou seja, cultivar sentimentos de afeto, cuidado e solidariedade como princípios norteadores da prática pedagógica. Tal perspectiva estava presente nas cartas, nas quais a fundadora insistia em que as irmãs ensinassem mais pelo exemplo e pela ternura do que por regras rígidas.

Essa visão aproxima-se também da reflexão de Comenius (2006), considerado o “pai da pedagogia moderna”, para quem a educação deveria ser universal, integral e voltada à formação moral. Ainda que em contextos distintos, a proposta de Paula ecoa esse ideal, pois suas cartas insistiam na importância de formar não apenas intelectos, mas corações comprometidos com a fé e com a justiça.

Portanto, a dimensão pedagógica das cartas de Santa Paula revela-se essencial para compreender a originalidade da Congregação: uma educação que une espiritualidade, diálogo e compromisso social, antecipando em certa medida debates educacionais que só ganhariam centralidade no século XX.

McLuhan (1964) ajuda a compreender esse fenômeno ao afirmar que o meio influencia o conteúdo: a carta, enquanto recurso escrito, possibilitava uma reflexão mais profunda, ordenada e duradoura, consolidando práticas pedagógicas que uniam espiritualidade e ação educativa.

As cartas de Santa Paula Frassinetti tratavam de aspectos centrais da vida educativa, abordando desde os desafios pedagógicos até valores como paciência, humildade e a importância da formação moral e espiritual das alunas. Em suas orientações, recomendava às educadoras que fossem testemunhas vivas de fé e amor, compreendendo a educação como um verdadeiro serviço a Deus e ao próximo. Esse conjunto de mensagens constitui um legado pedagógico profundamente humanista e cristão, sustentado pela dedicação e pelo cuidado individual com cada estudante. Ainda que não apresentasse uma sistematização formal de métodos, sua proposta educativa mostrava-se flexível e capaz de se adaptar a diferentes contextos, preservando, contudo, princípios fundamentais. Por essa razão,

continua a inspirar até hoje práticas pedagógicas que articulam a formação acadêmica com a ética e o desenvolvimento integral do ser humano (Almeida, 2000).

#### **4 O COLÉGIO DE SÃO JOSÉ: EXPANSÃO MISSIONÁRIA E IMPACTO NO BRASIL**

A chegada das Irmãs Doroteias ao Recife, em meados do século XIX, e a fundação do Colégio de São José revelam o impacto concreto da correspondência de Paula. Foi por meio dessas cartas que se transmitiu a inspiração espiritual e pedagógica que permitiu a expansão para além da Itália.

No contexto brasileiro, a formação destinada às mulheres, em especial em Pernambuco, foi marcada por inúmeros obstáculos e transformações ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais, culturais e políticas do país. No período colonial e nos primeiros anos do Império, a escolarização formal era privilégio masculino, enquanto às mulheres cabia, predominantemente, a preparação para o matrimônio e as responsabilidades domésticas (Almeida, 2018).

Para Fernandes (2019, p. 1):

As mulheres ficaram excluídas do sistema escolar estabelecido na colônia. Quando muito, podiam educar-se na catequese. Na segunda metade do século XVII, surgiram conventos no Brasil, cujas 'escolas' para moças ensinavam, sobretudo, costura e bordado ('trabalhos de agulha'), boas maneiras e muita reza para 'afastar maus pensamentos'.

Em Pernambuco, a criação de escolas destinadas à instrução feminina representa um marco importante no avanço educacional do século XIX. No Recife, destaca-se a fundação do Colégio de São José, em 1866, considerado uma das primeiras instituições a oferecer ensino sistemático a meninas e jovens mulheres, aliado a um expressivo trabalho social. Sua proposta pedagógica ia além da alfabetização e do ensino de habilidades práticas, integrando também a formação moral e espiritual, inspirada pela tradição católica e pela orientação das Irmãs de Santa Doroteia. Tais

iniciativas contribuía para a inserção social das mulheres e ampliavam suas possibilidades de desenvolvimento intelectual e ético, embora ainda estivessem condicionadas às restrições impostas pelos papéis femininos vigentes (Priore, 2013).

Segundo Azzi (2001), a presença doroteana no Brasil deve ser compreendida no contexto da romanização do catolicismo, processo que buscava fortalecer a identidade da Igreja frente às mudanças sociais e culturais. Nesse cenário, a Congregação desempenhou um papel decisivo na educação feminina, introduzindo uma pedagogia centrada no cuidado, no afeto e na formação integral.

Em uma de suas cartas, Paula enfatiza que: "É necessário formar corações que saibam amar e servir; esta é a verdadeira ciência que devemos ensinar" (Frassinetti, 1993, p. 112).

Esse princípio norteou o trabalho das irmãs no Colégio de São José, instituição que se tornaria referência na educação religiosa feminina em Pernambuco. Ao mesmo tempo, evidencia-se o diálogo com o pensamento de Arendt (1972), segundo a qual a educação é uma forma de inserção no mundo, marcada pela responsabilidade de preparar as novas gerações para a renovação da sociedade.

O Colégio de São José não foi apenas uma instituição escolar, mas um espaço de afirmação do papel da mulher na sociedade recifense oitocentista. Em um período em que a educação feminina ainda era restrita, a Congregação contribuiu para a formação de mulheres que, mesmo dentro dos limites impostos pela época, puderam exercer influência cultural e religiosa significativa. Como sublinha Souza (2010, p. 215):

A presença de ordens religiosas femininas na educação do século XIX no Brasil foi decisiva para a inserção da mulher no campo do saber, ainda que marcada por uma perspectiva religiosa, que buscava moldar sua atuação social dentro de determinados padrões de virtude e serviço.

Assim, o Colégio de São José materializou a vocação missionária da Congregação, ao mesmo tempo em que expressou um projeto pedagógico

inovador para o contexto brasileiro, baseado na pedagogia epistolar de Paula e adaptado às demandas locais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As cartas de Santa Paula Frassinetti constituem um elo vital na história da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia. Elas revelam-se não apenas como instrumentos de comunicação, mas como verdadeiros textos pedagógicos e espirituais, responsáveis pela coesão interna da comunidade, pela formação educativa das irmãs e pela expansão missionária para além das fronteiras italianas.

No caso brasileiro, a fundação do Colégio de São José, no Recife, demonstra como a pedagogia epistolar de Paula encontrou ressonância em novos contextos, adaptando-se às necessidades locais sem perder sua essência espiritual e educativa. A instituição se tornou uma das pioneiras na oferta de ensino formal para meninas e jovens mulheres, em um cenário no qual a escolarização feminina era ainda limitada e marcada por papéis sociais restritivos. Ao proporcionar alfabetização, formação moral e espiritual, bem como um importante trabalho social, o Colégio ampliou as possibilidades de inserção das mulheres na vida intelectual e comunitária, ainda que sob a influência da tradição católica e dos paradigmas de gênero vigentes.

Assim, as cartas de Santa Paula, ao fundamentarem a pedagogia doroteana, não apenas consolidaram a unidade da Congregação, mas também serviram como motor de transformação educacional, contribuindo para que a mulher tivesse acesso a novas formas de conhecimento e participação social. A educação é sempre um convite à renovação do mundo, e nesse sentido as cartas de Paula, traduzidas em práticas concretas de ensino e formação, representam uma experiência histórica singular de diálogo entre espiritualidade, pedagogia e emancipação feminina.

Portanto, a análise confirma que a correspondência de Santa Paula não é apenas um documento histórico, mas uma herança pedagógica e



espiritual que ainda hoje inspira práticas educativas e pastorais. Sua atuação, transposta para o contexto pernambucano com a criação do Colégio de São José, revela como a palavra escrita, impregnada de valores cristãos e de um olhar sensível para a realidade social, pôde ultrapassar fronteiras geográficas e culturais, deixando marcas duradouras na história da educação feminina no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Intuição Pedagógica de Paula Frassinetti: Um olhar filosófico*. Recife-PE: Congregação de Santa Dorotéia no Brasil, 2000.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

AZZI, Riolando. *Educando pela via do coração e do amor*. Rio de Janeiro, RJ: Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia no Brasil, 2002.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda época: 1930–1964. Petrópolis: Vozes, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. *MultiRio*, mar. 2019. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-historia-da-educacao-feminina#:~:text=A%20primeira%20reivindica%C3%A7%C3%A3o%20pela%20instru%C3%A7%C3%A3o,que%20estas%20eram%20consideradas%20companheiras>. Acesso em: 15 ago. 2025.

FRASSINETTI, Paula. *Cartas de Santa Paula Frassinetti*. São Paulo: Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, 1993.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.